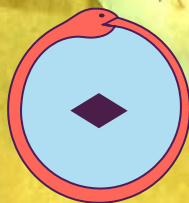
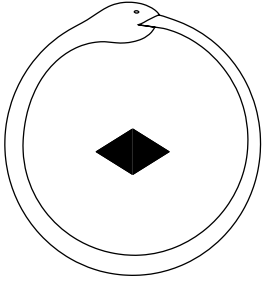


NÓS ESTAMOS HOJE
COM FOME DESSA LÍNGUA
Iolanda Potiguara



cadernos
SELVAGEM



NÓS ESTAMOS HOJE COM FOME DESSA LÍNGUA

Iolanda Potiguara

Este caderno é composto pela transcrição da [fala de dona Iolanda Potiguara](#), gravada no dia 19 de fevereiro de 2025, na Escola Indígena Pedro Poti, na Aldeia São Francisco, em território Potiguara, na Baía da Traição, Paraíba. Este caderno compõe a série de cadernos Potiguara, em colaboração com a Associação Paraíba Mel, o Instituto Serrapilheira e a Funarbe.

Eu vou começar a falar da revitalização. Eu não sei por que eu não gosto tanto da palavra resgate, entendeu? Eu falo revitalização. Por quê? Porque a língua **Tupi** ficou esquecida por muito tempo. Ela é recente em nosso meio hoje, mas ela foi dos nossos ancestrais e permanece, não totalmente naquela linguagem do tronco **Tupi**, mas ela permanece nos nomes das cidades, em alguns nomes de comida e nome de pássaro. Ela permanece no nosso meio em vários aspectos, em várias localidade, e nós mesmo desconhecía. Então, para mim, não é um resgate, é uma revitalização daquilo que estava adormecido, daquilo que estava escondido.

Para nós que é a geração nova, após o que fizeram com nossos ancestrais, isso foi escondido de nós, não foi transmitido para nós, porque a educação continuou a ser aquela educação europeia. O quanto mais esconder o que era nosso, para eles era melhor. Aqui perto nós temos **Itapororoca**, uma cidade. Tem **Mamanguape**. A própria **Mataraca**, a aldeia **Cumarú**. Nós temos várias localidades com idioma falado e escrito no **Tupi**, que foi na época dos colonizadores que deixaram gravado em tudo isso. Mas isso era desconhecido e veio por meio da legalização no sistema brasileiro educacional da escola indígena. Porque, para os colonizadores, a gente não tinha escola, não tinha nada. Era o que eles queriam, o que eles implantaram, eles nos conduziram a isso. Porque eu mesmo e a maioria do meu pessoal fomos educados nessas escolas, fomos educados nessas escolas com outros conhecimentos, com meio

mundo de coisas que não eram nossas. Então, a partir do movimento da educação escolar indígena, nos anos 1970, com a nova redação da Constituição Federal, do artigo 231¹, onde estão os nossos direitos a isso e revendo a necessidade de a gente trazer essa educação para as escolas, isso tudo foi construído. Porque até então já estava esfraquecido, não só a nível de Paraíba, mas a nível de Brasil. A cultura, o povo falante já vinha deixando de falar para induzir só o português². Não é dizer que o português não foi importante. Sim, mas aniquilou. Provocou o esquecimento de muitas línguas, mas também para nós, *Potiguara*, foi importante porque hoje nós conseguimos debater de igual para igual. Hoje nós conseguimos ler na entrelinha da história, de qualquer literatura portuguesa. Hoje nós estamos aqui dizendo: nós estamos aqui, somos capazes tanto quanto vocês. Nós somos, nós temos entendimento, nós conseguimos colocar nosso pensamento no papel de acordo com as regras atuais que o sistema impõe, mas nós somos diferente, porque nós também temos o nosso idioma. Vocês querendo ou não, ele não deixou de existir. Ele continuou, sim.

Outro dia, eu estava falando com a menina que eu gostava muito de *patixã* e quase ninguém conhecia o que era isso. Tu sabe que é *patixã*? Foi da época dos meus tataravós que passaram pro meu bisa. O meu bisa passou pro meu avô, meu avô passou para minha mãe, minha mãe passou para a gente. O meu neto mais velho veio conhecer a *patixã* três meses atrás. É uma comida e o nome dela é *Tupi*. E eu não sabia! *Patixã* é feito da mandioca mole com coco, que era o que tinha muito aqui. Com coco, com peixe assado – você come que se derrete! Eu, pelo menos, amo *patixã*. E quem que não conhece? Ainda tem que fazer porque vocês vão amar. A gente come de bolo assim, ó, machucando com as mãos.

Então, aí quer dizer, a língua *Tupi* não existia? A língua *Tupi* foi morta? Não foi. Quando ela está vindo agora, ela está vindo com todos os

1. O Artigo 231 da Constituição Federal do Brasil de 1988 reconhece os direitos originários dos povos indígenas sobre as terras que tradicionalmente ocupam, garantindo sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e cabe à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar esses direitos.

2. O enfraquecimento de línguas indígenas foi resultado de uma política de Estado, que remonta à proibição das línguas indígenas no chamado *Diretório dos Índios*, assinado por Marquês de Pombal em 1757.

seus significados, com todos os seus sabores, seus gostos e nos convidando para comer dela também, porque nós estamos hoje com fome dessa língua. Está revitalizando. Já avançou muito, mas ainda falta muito mais para se fazer isso, porque se você leva isso pra sala, os meninos vão conhecer, mas só que é uma língua entre nós. É que está comum. A palavra *Itapororoca* está comum, todo mundo conhece. *Cumarú*? Também. E é desconhecido. Voltando nessa educação que nós tivemos, que fez com que a gente parasse, perdesse e falasse até que esses nomes não eram nosso. Tem vários nomes aí muito bonito em *Tupi*. Mas agora a gente sabe que é da gente.

E foi tão importante – assim “importante”. Não vou dizer que foi importante pelo desastre que aconteceu. Nós estamos nos referindo à língua, que também foi uma matança muito grande cultural. Não é verdade? Mas assim, a partir das nossas descobertas de agora, a gente viu que também contribuiu para esse mundo de hoje. Hoje, se nós não tivéssemos tão assegurado com o português, talvez a gente ficasse para trás em tudo. Porque tem que estar dialogando ali de igual para igual. Essa educação fez com que tudo isso ficasse ali, ó, mufumbado. Aí, o que é que acontece? Eu vendo e ouvindo a conversa de vocês, penso: a gente sabe que quando a gente nasce, nossos primeiros passos a gente dá um, depois vai dando outro, depois a gente pega o rumo e vai embora. Quando a gente fala, começa a falar, a gente não fala só uma letra. Na maioria das vezes, a criança já fala uma palavra, mesmo que seja distorcida, mas a gente entende. Eu tenho um neto de 1 ano, um bisneto de 1 ano e 2 meses. A primeira palavra que ele falou foi água. Acredita? É uma palavra difícil demais quando os professores estão alfabetizando. Mas ele não falou diretamente “água”, ele disse “abla”. Dá para entender que é água, né? Então, tudo é entrelaçado, é um conjunto, é o esteio, como você falou, é o tronco.

E por que hoje as escolas, os sistemas de ensino não vê isso? A maioria das escolas indígenas ainda continuam com o sistema de ensino com as disciplinas em caixinha. E nós, povos indígenas, que temos tudo isso...! Eu sempre lembro disso quando eu vou pros cantos. A água, a terra e o universo é um só. Quando chega na escola, isso é rachado. O rachamento se multiplica. Ciência e arte, arte e cultura, português, redação, ma-

temática. Gente, não é assim que se trabalha na escola indígena! Eu me canso de falar isso, mas não vou cansar, vou continuar. Principalmente no Ensino Infantil e no Ensino Fundamental 1, que são os primeiros passos que as crianças estão dando. Como é que se trabalha o corpo humano sem a terra? Como é que se trabalha corpo humano e terra sem o universo? Se nós somos esse meio? É por isso que está lá assegurado: a educação indígena é intercultural, é multilíngue. Porque você viu que a gente descobriu que o nosso Tupi não estava totalmente morto! Assim como o nosso português: cada aldeia aqui tem o seu português diferente, tem o seu sotaque diferente. Tem aldeia que fala cantando, tem aldeia que fala assobiando, tem aldeia que fala bem calmo, tem aldeia que o pessoal fala alto, tem outra que fala baixinho, mas com português diferente um do outro. Quando um chega aqui e diz “boas noite”, outro já responde de outro jeito diferente. Mas o pessoal vai ignorar. “Boas noite” é o quê? Boa noite. É o português daquela aldeia que é voltado para o Tupi que aquela aldeia vivia. O sotaque que ele tem para falar aquilo ali é a herança ancestral do Tupi que era falado naquele momento. Então por que a nossa língua está morta? Não está.

Deveria ser uma integração, mas vem para a caixinha. Claro que os professores aceitam, é o sistema que impõe. Infelizmente, a gente ainda vive sujeito a isso. Querendo ou não, é ele que comanda. Mas se a escola indígena tem toda a sua legislação, por que a gente aceita isso? Porque a gente não para, a gente não elabora o nosso próprio currículo? A gente não vê o que é que a gente precisa, qual é a nossa função, a nossa visão, o que o pessoal precisa para agora buscar no passado para fazer isso aqui agora?

Cadê as nossas árvores ancestral? Nós temos árvores históricas, tivemos árvores históricas no nosso meio, que hoje as crianças não conhecem, não sabem. Ali mesmo no Forte, na aldeia onde eu moro, tinha uma árvore. Acho que seu Tonhô³ não vai lembrar, mas tinha um que chamava “a árvore do namorado”. Eu queria descobrir o nome. Era uma árvore muito grande, quem vinha de cá para ir pra Baía da Traição,

3. O ancião Tonhô, Antônio Aureliano, estava presente na Escola Pedro Poti no momento da fala de Iolanda Potiguara. [Aqui](#) você pode acessar uma marcha de Toré gravada na ocasião, com participação de seu Tonhô.

quem vinha da Baía para vir para cá, descansava naquela árvore. Lembra, Tonhô? Tem muita história daquilo ali. As crianças desconhecem. Eu acho que também cabe a nosso professor buscar isso. É uma árvore histórica que também tem o universo, tem a terra. Está na terra, mas tem a terra embaixo dela. E ela está ali no meio como água. Ela sobreviveu enquanto a água esteve nela. Quando a água acabou, ela morreu. Então, praticamente são três vidas em uma. Isso não pode adormecer mais. É responsabilidade nossa enquanto educadores, enquanto ancião, enquanto liderança, enquanto simpatizante da causa, conscientizar essas pessoas. Claro que está tudo diferente. Nosso território está todo remodelado e não foram mais os espanhol, os invasores, não. Foi a herança que eles deixaram para nós fazer isso. Eu digo “nós” no todo, porque eu não contribuo com isso, não para desmatar nem assorear nada não. Eu faço por onde tudo permaneça, mas não só depende de mim. Se nós levarmos essa consciência, essa conscientização para dentro das aldeias, fazer sempre esses encontros, alguém vai despertar. Alguém vai despertar.

Nós temos que definir o que é que nós queremos. E se a nossa única fonte é assim, a única porta aberta que a gente tem para discutir é a escola, então vamos para lá. O que é que comanda o universo hoje? Ele [Carlos Papá] falou muito claro⁴. É o sistema solar. Como é que está hoje o clima? Quem é que está dizendo como é que vai ficar? A Lua! É daí que a gente começa, porque era disso que nossos ancestrais viviam. Nossos ancestrais eram sábio, eram cientista, eles eram tudo através do contato deles com o sobrenatural. Só era olhar o tempo que sabia que hora ia chover e como era o vento. Só era olhar para ali pra Lua, sabia se ia dar peixe, que hora a maré ia secar, que hora a maré ia encher. Eles não foram buscar em livros, não. Os livros estão hoje para nos ajudar. Mas essa sabedoria foi divina, veio de berço e foi transferida para cada um de nós. Só pelo simples olhar, ele sabia definir o mundo, o dia de hoje, como é que ia ser a noite de hoje.

E a fase da Lua foi muito importante para nosso povo e continua sendo agora para o universo do mundo. Porque você viu o resultado aí hoje, uma coisa que a gente nunca viu: desabrigo por conta da enchente

4. Referindo-se a fala de Carlos Papá registrada no caderno *Selvagem Trazer os códigos do tempo, carta para os Potiguara*.

no pequeno temporal que deu. Não foi muito tempo, foi um pequeno. Por causa de que? Encharcamento que não tem para onde a água correr. O que causou isso? Assoreamento. E por que o assoreamento? Desmatamento nas cabeceiras do rio e nas margens. Eu estou mentindo? Desmatamento total. Hoje quem prejudica somos nós, seres humanos, que estamos prejudicados. Vamos continuar assim? Depende de nós. Tem como fazer alguma coisa para pelo menos desassorear? Tem. Mas por que não faz? Porque as margens do rios estão todas cheia de bares e residência. E aí, como é que fica? Outras onde não tem bar nem residência, está cercado para criar gado. Lá mais para cima tem plantação de várias monoculturas que envenena o solo, envenena a água. Se a gente hoje não pode fazer nada para retirar isso, a gente pode conscientizar os nossos pequenos para que eles lá na frente continue conscientizando. Não é o nosso querer fazer isso. A gente queria que melhorasse. Se melhorar, tudo bem, mas a gente tem que fazer alguma coisa. E nossa educação está aqui para isso, porque sem a água, sem a terra, sem o universo, nós não temos a língua mais, que ainda permaneceu, porque isso estava ali seguro.

Tinha nossa terra, ela não estava intacta, mas estava muito bem à vista de hoje. Não estava tão destiorada como está. Nós tínhamos água limpa, água potável. Hoje nós já tomamos água de poço, poço artesianos, já estamos comprometendo a água da futura geração, né? Porque a gente não sabe como é que vai chegar e se vai chegar para eles. Coisas que os nossos ancestrais se preocuparam em deixar essa terra salva para a gente. Eu digo “salva” com todos os recursos naturais que ela depende para viver. E hoje já estamos tomando água de poço. Água do rio está do jeito que todo mundo está vendo aí. O mar está chegando para cá para avançar. Nós já não temos mais nosso peixe. Bem, estamos escassos de quase tudo. A única coisa que nos resta ainda é a vontade de vencer, essa garra de continuar lutando, essa esperança que não se acaba em um dia. A gente vai conseguir fazer alguma coisa de melhor, porque nós estamos fazendo cada dia, sim. Agrada 10, desagrada 20 – que é desse jeito – mas a gente não para. A gente continua, não é verdade? Porque se a gente for falar a verdade aqui, ali pode alguém se doer, mas a gente está vendo o todo. A gente não está citando A nem B. Nós estamos vendo

o nosso povo, os nossos netos, os nossos bisnetos, os filhos dos nossos amigos que vivem no nosso meio, que amanhã não tem quem vai falar por eles, nem defendê-los. E como é que vai ficar se a gente não fizer algo hoje, não é verdade?

E daí, a educação é hoje aqui a principal mola que pode conduzir isso. Se os funcionários – vou falar funcionário, não só professor – e a comunidade botar o pé no chão e disser: “Eu quero isso”. Porque chega um currículo totalmente lá da secretaria. E tem que seguir aquilo. Ou segue ou segue. É isso. As disciplinas específicas, que não era para ter, como eu falei. O que é de necessidade, de prioridade, de urgência para a nossa escola e para nosso povo, fica como parte diversificada, com tempo de aula uma ou duas vezes na semana. Não passa como eixo central, nem do estado, quanto mais do Brasil. Fica aquela pequenininha coisa, o pessoal tentando ver se encaixa, não é reconhecido como prioridade. As disciplinas prioritárias, aquelas que todo mundo já conhece. As específicas não entra com prioridade, faz se quiser. E não é bem isso. Está faltando esse envolvimento para que mude esse currículo. O que é que nós queremos naquele currículo dentro daquilo? O eixo temático vai durar quanto tempo? O que é que vai pegar naquele eixo temático?

Vamos supor que vamos trabalhar o universo: o ano de 2025 é o ano do universo nas escolas. Vamos estudar o que é que tem no universo. Como é que o universo abrange a educação indígena, como é que o universo abrange o território indígena, qual a influência que tem com as marés, com as fases da Lua, com a plantação? Porque minha mãe só cortava meu cabelo na Lua? Como é? E era grande meu cabelo, não era não? Minha mãe só tirava mutamba⁵ no mato para passar no meu cabelo tinha uma época também. Pai só ia tirar caibo para fazer o negócio da casa [aponta para o telhado] nas noites escura. Isso é super importante.

Alfabetiza as crianças, joga o universo para dentro. Joga as crianças para dentro do universo, elas vão gostar. Elas vão sentir prazer de estar ali dentro. Só o fato de pegar na terra já é uma sensação, uma emoção diferente que a criança vai ter. O fato de observar, pode até inventar mi-

5. Mutamba, ou *Guazuma ulmifolia*, é uma árvore nativa do continente americano. Suas folhas têm uso medicinal indicado para tratamento de cólicas abdominais, diabetes, dores gastrointestinais, entre outros.

croscópio para observar aquilo. Gente, elas vão ficar nas nuvens! Leva pra prática! Leva a criança para a base. Leva a criança para pegar na folha do mato que fez o remédio que te curou da gripe. Para ela sentir o sumo, sentir o cheiro, até mastigar para sentir o gosto. Está faltando esse querer fazer na prática, porque quem nasceu e morou e vive na aldeia sabe de tudo isso. Se não teve como saber, é por quê às vezes as pessoas não dão importância, conforme o seu Tonhô falou. Mas o vizinho sabe, o outro sabe e pode te levar lá. E nesse gostar, nesse se envolver que as crianças terão, quem não sabe o futuro de amanhã será diferente? Defendendo: "Não, não bota essa garrafa aí não, que vai entupir o rio lá dentro, vai matar os peixes". "Gente, você não joga esse lixo". Eles se monitorando, eles se policiando dentro do próprio território, em tudo por tudo.

Está faltando isso para mostrar à secretaria que nós somos capazes, que nós queremos. É assim, o nosso RCNEI⁶ das escolas é assim. Aqui na Paraíba vai funcionar assim como nós queremos, assim ou em qualquer parte do Brasil. Não é para deixar a secretaria fazer o que pensam, o que querem, empurrar goela adentro. Claro que têm as disciplinas obrigatórias, mas também nós temos as nossas e eles têm que aceitar. Que a língua **Tupi** volte pras escolas do pré – que o pequenininho aqui aprende mais fácil – à Educação Infantil e Ensino Médio. E que seja diariamente. Não na carga horária de 2 a 3 horas por semana. É muito pouco. Os professores têm que aprender para falar com as crianças diariamente na sala de aula, do porteiro à merendeira. É difícil? Já foi, mas não é mais não. O que estava escondido foi descoberto. Aquela carta que estava na Holanda, escrita por Pedro Poti, já foi devolvida para nós⁷. Já tem curso, já tem falante, já tem autores de livro, então não está difícil. Difícil esteve e foi complicado, porque a gente não sabia de nada disso. Então, falta dar a mão, se unir e ir com a ajuda de todos, que vocês também têm muito a contribuir com a gente.

6. O Referencial curricular nacional para as escolas indígenas (RCNEI) é um documento elaborado em 1998 pela Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas do Ministério da Educação do Brasil. O documento reúne referências para a prática curricular docente e os projetos pedagógicos da educação escolar indígena.

7. Iolanda se refere a duas cartas escritas em 1645, em **Tupi** Antigo, por Pedro Poti e Felipe Camarão. As cartas foram descobertas no arquivo da Real Biblioteca de Haia, na Holanda, transcritas e traduzidas para o português por Eduardo de Almeida Navarro. Estão disponíveis aqui: <https://www.redalyc.org/journal/3940/394074001004/html/>

E eu nem me apresentei, né? Eu sou do movimento de educação há um tempo aí, faz muito tempo, mais de 30 anos que eu vivo nesse movimento. Não vou dizer a você que é fácil. Complicado, difícil, mas o melhor de tudo é o gosto da vitória. Você tem que dar dois passos para frente e quatro para trás sempre. Essa matemática é meio enrolada, mas a gente que vive, a gente sabe como é que faz. E quanto mais você dá passo para frente, que alguém te puxa para trás, que você consegue ganhar impulso. Olha, entenda, você dá dois para frente e quatro para trás. Alguém te puxa para trás, aí você dá oito pra frente, entendeu? Incluindo o que você queria fazer. Aí depois você é puxado para trás, você fica, fica, fica, vai, não vai. Dá outro pra frente e assim vai indo, né?

Essas eram as passadas dos nossos ancestrais. Se você for procurar as pegadas quando eles saíam para luta, para caçada, para pesca, até pro ritual do **Toré**⁸ na praia, você não vê um par de pegada, você vê um pé sobre o outro, está entendendo? Ali você não vai distinguir se vai duas pessoas ou se é uma. Isso era uma das estratégias, certo? Que ela é detalhada na dança do **Toré**. Agora que muitos não souberam ainda transmitir isso aí.

Eu fiquei nesse movimento. Daí eu sempre fui meia inquieta para muita coisa e muita gente dizia que eu era linguaruda. Eu não sei se isso me ajudou, mas eu estou aqui. Quando eu comecei a trabalhar como professora, minha primeira escola foi nessa aldeia vizinha. Quando lá eu cheguei, eu me juntei com a anciã, dona Joana, que era uma contribuidora da cultura, e o filho dela que na época era cacique, que era **Raqué**. Então nós nos juntamos, montamos um grupo de **Toré** e daí começamos a sair. E desde então que eu comecei a sair com eles, com o grupo de **Toré** da escola, eu comecei a ser perseguida, entendeu? “Tá abandonando a escola”, aquele meio monte de coisa.

E tem várias demandas acontecendo na história da educação da Paraíba que têm que ser resolvidas. E nós estamos aqui lutando, não é a falta de que a gente não lute. Muitas escolas indígenas querem fazer, mas você sabe também que o sistema impõe e impede. E também existe

8. O **Toré** é um ritual de diversos povos indígenas do Nordeste brasileiro, que combina dança, canto e religiosidade. É símbolo de resistência e envolve o uso de instrumentos como o **maracá**, além de cantos e danças em roda.

essas coisas de acordos políticos, como em todo canto tem, que é muito difícil de lidar. Mas a gente continua em busca de dias melhores. Querendo exercer o nosso eixo principal, que é a nossa vida, que ela tem que ser plena, principalmente dentro da nossa etnia. Quando eu falo em plenitude, eu falo em todos os aspectos: cultural, sociodiversidade, socioeconômico, ecologia. Quando eu falo “pleno”, é abrangendo tudo para não ir de um em um. E que nossas crianças futuramente tenham orgulho de ser, tenham orgulho dos professores pelas mãos que eles passaram, eles têm orgulho lá na frente de debater e lutar assim como hoje nós estamos aqui. Eu creio que a função maior da educação é realmente criar novos e futuros e aguerridos guerreiros. Não é só guerreiro, aguerridos guerreiros ou guerreiros aguerridos, para que lutem vendo essa plenitude com essa visão ampla para todos, porque daí, com certeza, eu sei que a gente vai fechar os olhos na certeza de que deixamos aguerridos guerreiros também lutando para deixar futuros aguerridos guerreiros para os outros que virão, né? Porque eu não tenho muito tempo de vida mais, eu sei disso. A gente tem que ter consciência. E aí, quem assumirá os nossos postos?

É isso que a gente deseja ao futuro: que sejam guerreiros aguerridos bem preparados para ir em busca dos seus direitos, dos seus deveres, também exercendo seus deveres sem ultrapassar ninguém, vendo todo mundo. “Se vou fazer isso aqui é para a gente ter futuramente”. “Vamos limpar isso que o rio está morrendo para todo mundo”. Um bem comum para todos. Claro, visando também no seu pessoal que a gente não vive dando tudo a todos. A gente também tem que pensar, mas não só pensar na gente, pensar no todo também.

Como eu disse pra menina outro dia, no momento que a gente vem pra escola, que a gente não ensina a formação pessoal, assim para o pessoal, para vida, como é que fica? Aí teve alguém que depois disso perguntou: “Como é essa formação pra vida?” Assim, gente, vamos começar do pequenininho. O pequenininho sai aqui com a mãe dele: “Você chega tal hora”. Se ele tem um relógio e ele não conhecer a hora, ele não vai saber. Então, se ele conhece aquela hora, aquela formação daquela hora que ele aprendeu, ele vai levar pro resto da vida. Se ele conhece a direita e a esquerda do corpo dele, ele sabe caminhar numa direção certa

e é pra vida dele, não é isso? Se ele consegue distinguir entre o caminho que ele vai seguir para uma função e um caminho para outra, ele sabe seguir a vida dele pra vida inteira, né? Se ele consegue distinguir o avesso do direito da roupa que ele vai vestir, ele nunca vai vestir uma roupa errada. É isso que eu quero dizer.

Então, nós temos também que formar nossos alunos, nossas crianças para a vida indígena e também para vida não indígena. Porque não se pode separar mais o mundo, não. Só que uma vai ajudar a outra. O que ele aprender lá, ele vai trazer para cá. Para caminhar e ajudar o pessoal, a comunidade dele a caminhar. Porque não é só o conhecimento indígena que vai levar ele pra vida, não. Hoje tem que ter os dois conhecimentos, porque assim caminha bem de vida e ajuda seu povo para a vida.

IOLANDA POTIGUARA

Iolanda Potiguara é educadora, ativista e mestra de saberes do povo *Potiguara*, nascida na Aldeia do Forte, no território *Potiguara* na Baía da Traição, Paraíba, onde vive até hoje. Ela atua na luta pela educação escolar indígena há muitos anos e vem sonhando em transformar as práticas do território, através de um processo de revitalização de culturas, tradições e da língua *Tupi* em sua comunidade.

FOTO DE CAPA

Alice Faria

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo.

Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas.

Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie

APOIO



PARCERIA

